

O Brasil contemporâneo e os seus poetas, através duma conferência do Dr. João de Barros

por JOÃO ALBERTO.

LEU, na noite de 6 de Março, no Salão Nobre do Ateneu Comercial do Pôrto, o esclarecido escritor Dr. João de Barros, uma conferência, onde vivemos «*Imagens e Realidades do Brasil Contemporâneo*».

Leitura cheia de sedução e simplicidade, abriu, estou disto seguro, dentro de cada um dos que assistiram, uma ânsia nova, uma vontade acrescida de comunicar com essa grande alma brasileira em erupção perene de amor e juventude que, no outro lado do Atlântico, reanima a beleza da nossa língua e a pureza do nosso coração.

João de Barros sabe bem que o progresso dum povo, testemunhado na grandeza material do seu esforço, na beleza das suas avenidas, palácios e arranha-céus, reside, sintetizado e simplificado, no único manancial e fonte geradora: o estado espiritual.

Qualquer, pouco avisado, cançar-nos-ia com a exibição fastidiosa de fotografias e narrativas estatísticas — detalhes mudos do progresso brasileiro. Dar-nos-ia fotos do casario soberbo, de cidades enormes; citar-nos-ia os meios de comunicação, comodidades e conforto das grandes metrópoles.

João de Barros leu-nos sòmente uns quatro ou cinco poemas e, com êles, nos entregou em síntese dinâmica a causa única e poderosa de progressos e de civilizações.

Nêsse poema — «Brasil» — de Ronald de Carvalho, nos poemas às cidades, de Ribeiro Couto, no embevecimento nativo de Gilka Machado, nos cantos de Catuluo e de tantos outros, recolhem-se efeito e causa do ressurgimento brasileiro. Nêles reside, o potencial presente e a sua causa, e na afirmação desta, a visão dum futuro cuja grandeza tôda se não vislumbra mas que se intui.

João de Barros disse-nos e comprovou-o com os seus poetas que o Brasil é hoje uma grande nação pela consciência profunda da sua vitalidade juvenil. Nação rica pelo conhecimento sério da verdadeira riqueza: a ânsia permanente de civilização honesta.

Com almas juvenis como as dêsses poetas, as grandezas serão factos e essa pureza de sensibilidade transformará sempre o meio em que brotarem, em epopeias materiais que os corações sentem e o cérebro e braços realizam.

Do estado psíquico destas almas ansiosas em frente à natureza, homens angustiados na criação material do seu mundo intuído, reside a essência genética.

Elas são a mão misteriosa que continuamente agita o caleidoscópio da vida. Rouxinóis com o dôbro da alma, elas criam filósofos, depois cientistas, e então, todo o mundo que se ergue orgulhoso nas suas florestas luminosas de arranha-céus a ameaçar o sol.

Poetas com a simplicidade profunda dum Ribeiro Couto, êles entregam-nos a natureza sem disfarces nem explorações, mas apenas filtrada pela peneira de sêda dos seus corações.

*«Na horta do quintal em sombra
Um grilo canta perdido nas moitas.
Seria bom sentir no rosto a carícia da relva».*

O poeta aqui é parte integrante da própria natureza. É como que um rouxinol cantando na renda vegetal dum contra-luz.

O poente existia já, com a sua beleza de vermelhos oiros, mas o rouxinol veio aumentá-la e acordar-nos com o seu canto para que viessemos sentir.

Animados pela pureza fortemente criadora dos seus artistas, tudo floresce no Brasil.

Dêstes estados artísticos, como diz Schiller, é característica a ardente aspiração a vôos largos.

O homem, nêste estado estético, aparta-se do real como por um milagre da sensibilidade; é como se voasse muito alto no espaço e dali contemplasse a sua vida terrena para a poder transformar. A consciência moral é um pêso enorme que não deixa voar, por isto limita-se a raciocinar êsses sonhos sentidos que a memória conserva. Quanto mais pureza, mais leveza e, portanto, mais vôos; e quanto mais vôos mais paisagens de sonho, gênese preciosa do real construído.

Essa poesia pura, nada retórica, dos poetas brasileiros, é, porque a sentimos, um manancial inexgotável de vida. Por isto a vitalidade do moderno Brasil. Os artistas mais densos, mais filósofos, limitam as possibilidades da sua arte a si e a um número restricto de eleitos. Os mais simples, aqueles que se integram na simplicidade da natureza que os comove, comoverão a todos porque nenhum ser vivo, na medida da sua constituição, fica indiferente aos acidentes estéticos que o rodeiam.

E os poetas do Brasil de hoje são fontes generosas desta simplicidade comum, ao sábio e ao mais rude dêsses operários que acastelam montanhas de aço, testemunhos inabaláveis de progressos e civilizações.

Feliz pois a terra onde os novos não nascem envelhecidos. Ela será sempre grande como o coração dos novos.

Dos novos, êsses heróis ocultos, em luta pacífica, pretendendo render pelo amor e pela consciência aqueles que se deixam transformar numa víscera escangalhada.

E os novos são êsses, como João de Barros, para quem o tempo é o auxiliar mais útil da sua juventude, porque lhes traz a riqueza de muitos dias de vida cujo sentimento puro só pode fortificar um coração.

João de Barros sente bem o Brasil, essa nação de jovens que abre nos pináculos da sua capital o coração fraterno ao mundo inteiro, nessa figura enormemente simbólica, encarnação mais viva e mais perfeita de tôda a juventude: Jesus Cristo.

Jesus Cristo a pureza na terra; a virtude inteira, a grandeza do espírito e a grandeza da matéria; a comunhão palpável do todo, a negação formal do adversário.

Jesus, a visão mais pura da poesia mais pura, a encarnação do expoente inteiro de beleza ideal que, Leonardo de Vinci, o mais eleito dos seus apóstolos, legou ao mundo para que a pudesse ver.

Foi, pois, nessa ingenuidade de sentimento poético que João de Barros nos trouxe um bocadinho do verdadeiro Brasil, que só um poeta também poderia trazer.

SOL NASCENTE, que se interessa vivamente em comungar na grandeza com a nação irmã, agradece aqui, por meu intermédio, ao ilustre conferencista, o auxílio que a colaboração prometida lhe virá trazer.